



## IDENTIFICAÇÃO

### ARU COIMBRA UNIVERSIDADE / SEREIA

#### Requalificação Urbana do Eixo Alta Universitária - Praça João Paulo II – Sereia

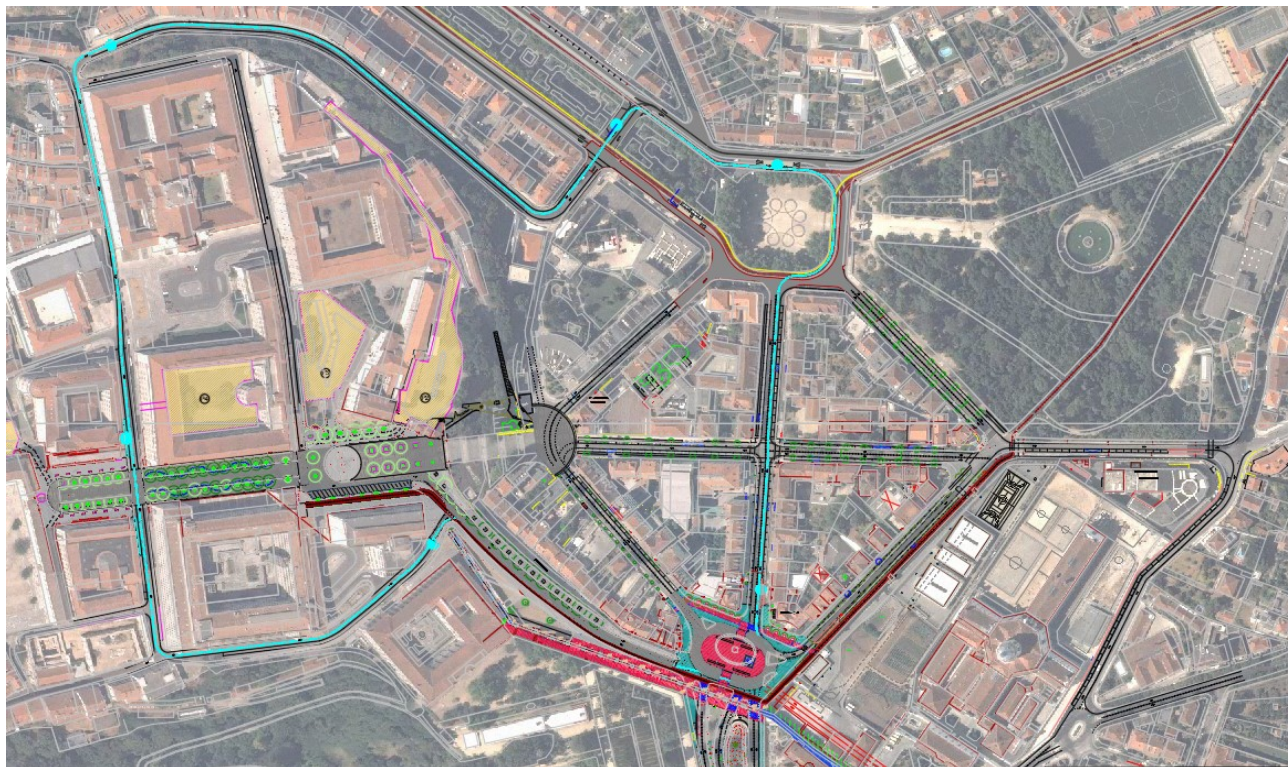


Fig. 1 – Plano Geral

## TIPO DE INTERVENÇÃO

Conservação ☐

Remodelação ☐

Ampliação ☐

Outra ☒

Qual?

Requalificação de Espaço Público



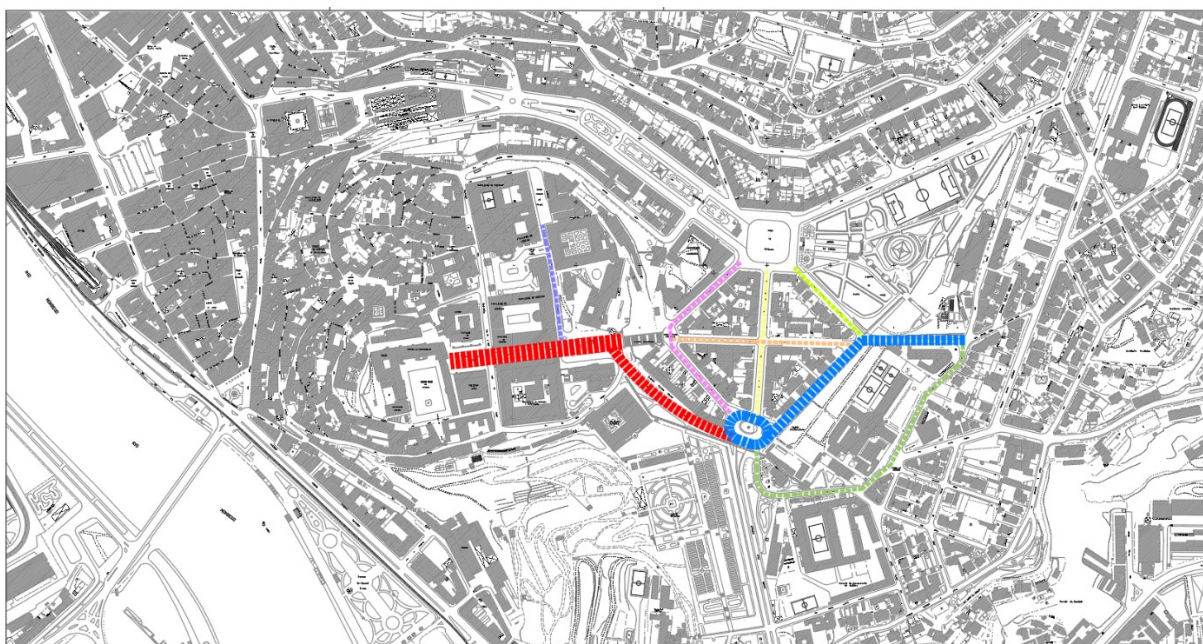
## INTRODUÇÃO

O presente relatório prévio refere-se ao estudo denominado “ARU COIMBRA Universidade / Sereia | Requalificação Urbana do Eixo Alta Universitária - Praça João Paulo II – Sereia” em fase de Estudo Prévio.

O presente estudo prévio consiste numa proposta de Requalificação Urbana, na vertente de espaço público, de um conjunto de ruas e praças de forte componente patrimonial, inseridas na Área de Reabilitação Urbana "COIMBRA - Universidade /Sereia". Embora o plano geral desta proposta abranja um conjunto mais alargado de espaços, o presente estudo prévio incide mais especificamente no eixo Universidade/Sereia.

O eixo principal da intervenção, ocupa uma zona fulcral da ARU Coimbra Universidade / Sereia, atravessando toda uma faixa relevante de espaço público entre a Universidade, os Arcos do Jardim/ Praça João Paulo II, a Penitenciária e o Jardim da Sereia. Estende-se ainda, numa outra fase, a alguns arruamentos circundantes.

## LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO



### 1ª FASE

- Largo da Porta Férrea - R.Larga - Praça D. Dinis - Cç. Martins de Freitas
- Praça João Paulo II - Rua de Tomar

### 2ª FASE

- Rua Alexandre Herculano
- Rua Almeida Garrett
- Rua Venâncio Rodrigues
- Rua da Infantaria 23 - Rua Pedro Monteiro
- Rua dos Estudos
- Rua Oliveira Matos - Praça António Luís Gomes - Rua Castro Matoso

Áreas de intervenção e respetivo faseamento

Fig. 2 - A área de intervenção situa-se em área urbana, na União de freguesias de Coimbra.





Numa primeira fase as intervenções irão incidir em dois troços: Um referente ao eixo universitário Largo da Porta Férrea – Rua Larga – Praça D. Dinis – Calçada Martins de Freitas e outro troço referente ao eixo Praça João Paulo II – Rua de Tomar - Sereia podendo constituir futuramente projetos autónomos.

Em fase posterior as intervenções irão incidir sobre arruamentos da envolvente, complementando e consolidando os princípios lançados no presente projeto geral.

Listagem de património classificado localizado na ARU COIMBRA Universidade / Sereia com incidência direta neste estudo:

- **Património Mundial:** Universidade de Coimbra – Alta e Sofia;
- **Monumento Nacional:** Universidade de Coimbra – Alta e Sofia; Paços da Universidade de Coimbra;
- **Imóveis de Interesse Público:** Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, incluindo a respetiva cerca;
- **Zona Especial de Proteção:** Universidade de Coimbra – Alta e Sofia (Património Mundial e Monumento Nacional); Corpo Principal da Antiga Cadeia de Coimbra (Monumento de Interesse Público); Conjunto de Edifícios da AAC e Jardins, Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) e Cantinas da UC (Imóvel de Interesse Público);
- **Zona Geral de Proteção:** Paços da Universidade de Coimbra (Monumento Nacional); Aqueduto de São Sebastião (Monumento Nacional); Colégio de S. Jerónimo (Monumento Nacional); Parque de Santa Cruz (Imóvel de Interesse Público).
- A área abrangida pelo projeto insere-se na **Zona de Proteção da Planta de Ordenamento - Sítios com Potencial Arqueológico e Outros Bens Imóveis de Interesse Patrimonial**, do PDM em vigor.

## Eixo Alta Universitária

### - Ocupação humana da colina e muralha/castelo de Coimbra -

Vestígios arqueológicos recentes permitem comprovar a ocupação humana da colina pelo menos desde o Bronze-Final/Idade do Ferro, ainda que os testemunhos mais imponentes e que se manifestam nas características urbanas da Alta, enquadram-se na época romana, como o criptopórtico que suportava o fórum romano (ALARCÃO *et. al.* 2009), e a *domus* identificada no Pátio das Escolas (CATARINO e FILIPE, 2003; CATARINO e FILIPE, 2003a e FILIPE, 2006).

A antiga necrópole romana, situar-se-ia ao longo da via romana, que provavelmente corresponderia à Ladeira do Castelo, imediatamente fora do núcleo muralhado de *Aeminium*. Conforme testemunharam os vestígios encontrados em 1773/74, ligeiramente a sudoeste da plataforma oriental da colina, na sequência das demolições no castelo da cidade ou da estrutura murária adjacente, que continham inscrições funerárias atribuíveis ao período romano, também registadas em nova demolição verificada junto ao Arco da Traição (FILIPE e TEIXEIRA, *apud* Alarcão, 2008:31).

Topograficamente, o castelo medieval implantou-se num cabeço de difícil acesso, como convinha à sua defesa. Localizado na zona mais elevada do morro, vários metros a nascente do Paço Real, agora Paço das Escolas (SANTOS e MOTA, 2020: 6).



É desconhecida a data da fundação do castelo e apesar de não existir consenso quanto ao período em que se construíram as muralhas da cidade, há quem atribua à primeira cintura ao período tardo-romano. No âmbito da elevação de *Aeminium* a sede de diocese, na Antiguidade Tardia, terá sido alvo de alguns melhoramentos. Nos anos da instabilidade político e administrativa entre muçulmanos e cristãos, desde o início do século VIII até à segunda metade do século XI, são vários os cronistas árabes que exaltam a situação excecional da cidade, erguida numa zona «absolutamente inexpugnável» (VENTURA, 1979: 45), excetuando, a área junto à Porta do Sol, que seria a mais acessível ao interior do castelo.

Com o declínio do Império Romano e o dealbar da Idade Média, a cidade mantém a preponderância geoestratégica do ponto de vista militar e político, designadamente após a reconquista cristã. Neste contexto teve um papel relevante, enquanto capital na emancipação do território, que se transformou num país independente, assumindo o domínio de um vasto território na Bacia do Mondego. Revelador desta importância, é o forte investimento público e privado fomentado pela coroa nas alterações urbanísticas que ocorreram nesta época, destacando-se a “re”construção da ponte romana sobre o rio Mondego, a construção da Sé catedral de Santa Maria, atual Sé Velha, a instalação dos Crúzios na zona dos banhos reais, a consolidação das muralhas e a renovação do Castelo (FILIPE e TEIXEIRA, 2012).

É genericamente designada por zona da Alta a área delimitada pelas antigas muralhas de Coimbra, hoje quase absorvidas pelo tecido urbano; a Baixa correspondia à zona do arrabalde, fora do perímetro das muralhas.

No período medieval, a cidade articulava-se em torno das 3 portas principais das muralhas, a do Castelo (a Nascente), a da Almedina (a Poente, ainda visível) e a de Belcouce (para Sul). Nessas portas atravessavam artérias que confluíam para o Largo da Sé, formando, naquele tempo, os principais centros de circulação.

Da porta principal, Porta de Almedina, a muralha seguia pela atual Rua Fernandes Tomás até à área da Estrela onde se localizava a Porta de Belcouce; daí subia pela Couraça de Lisboa à Porta de Genicoca ou da Traição onde ficava o Castelo. Do lado Este situava-se a Porta do Sol ou do Castelo, fletindo depois para Noroeste percorria a Couraça dos Apóstolos até à Porta Nova, rasgada posteriormente no século XII, para dar serventia ao Mosteiro de Santa Cruz. Deste local descia no sentido Sudoeste em direção à porta principal (VENTURA, 1979: 47-51). As portas eram flanqueadas por consideráveis torres de defesa e cubelos, barbacãs e couraças naturais. Para evitar a degradação das muralhas e das torres da cerca, ao longo de diversos reinados, nomeadamente no de D. Fernando I e de D. Manuel I, são realizados trabalhos de reparação e de algumas alterações (LARCHER, 1935).



A Torre de Menagem, com uma cisterna no seu interior, remontará ao reinado de D. Afonso Henriques e a Torre Quinária ou de Hércules, ao reinado de D. Sancho I (ALARCÃO, 2008). D. Dinis e D. Fernando I terão também realizado intervenções no castelo, contudo em 1573, a estrutura encontrar-se-ia bastante degradada, desprovida da sua função militar, tendo a Câmara Municipal de realizar obras de restauro para melhorar as condições da residência do Alcaide (Idem). Serviu ainda de cadeia civil e no final do século XVI, de lazareto infantil, e durante o reinado de D. Filipe I, de aquartelamento de soldados espanhóis (DUARTE, 2005; FILIPE e TEIXEIRA, 2013). Com a construção do Colégio dos Militares, no século XVII, o pano sul do castelo que não foi incorporado, foi parcialmente demolido (CARVALHO, 1942).

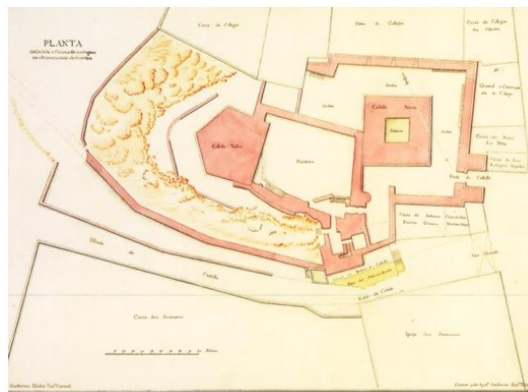


Fig. 3 - Planta do castelo de Coimbra de Guilherme Elsdén/Guilherme Francisco Elsdén, 1773. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Craveiro, 2004:72).

Junto ao Castelo, orientada a nascente e flanqueada por duas torres, denominadas como Torres da Porta do Sol, existia uma das principais portas da cidade, designada como Porta do Sol, por vezes também designada de Porta do Castelo, que dava para o recinto deste, construída no século XI e demolida no século XVIII (CARVALHO, 1942 e DUARTE, 2005). Um documento amigável de transação de 1520, refere que a ladeira e terra que corre dos muros de Santa Cruz até à calçada da porta do Castelo, que corresponderá à Porta do Sol, que acede ao recinto do Castelo, foi almocávar e jazigo dos judeus desta cidade (CARVALHO, 1942:70). Ou seja, conforme descrição do Dr. João Correia Campos no “Índice Chronologico dos pergaminhos e foraes existentes no Archivo da Câmara Municipal”, de acordo com as demarcações deste documento, o cemitério dos judeus, estender-se-ia à Porta do Sol, nas proximidades do Jardim Botânico (Idem). A “Planta do Castelo e Cazas a elle contiguas em a Universidade de Coimbra”, efetuada em 1773, durante a Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra, no reinado de D. José, fornece importantes dados sobre as pré-existências de um espaço “perdido”. Esta planta permite identificar com rigor as áreas do antigo castelo (CRAVEIRO, 2004 e DUARTE, 2005), que possibilitaram a sua reconstituição, (ALARCÃO, 2008).

No século XVIII, o castelo encontrava-se muito degradado, e no âmbito desta Reforma, através da carta régia de 1772, incorporou o domínio da Universidade, que perpetrou grandes transformações no edificado. A partir de 1773 demoliu-se a Torre Quinária, para construir o observatório astronómico, que nunca chegou a ser concluído, e no século XIX, esta construção foi adaptada a lavandaria do hospital (CARVALHO, 1942 e ROSMANINHO, 1996). No período da construção do largo, poucos elementos deveriam persistir do castelo (FILIPE e TEIXEIRA, 2013).

As obras profundas que se realizaram no final do século XVIII, com a Reforma Pombalina e em meados do século XX com a construção da Cidade Universitária pelo Estado Novo, alteraram o perfil do topo da colina, apagando de forma irreversível a silhueta soberba e impressionante do “*castello antiquíssimo*”, descaracterizando também um importante troço da muralha medieval (DUARTE, 2005).

Trabalhos arqueológicos efetuados em 2008, no Largo D. Dinis, tornaram visíveis diversos vestígios, nomeadamente alguns que estarão relacionados com o antigo castelo. De acordo, com a intervenção efetuada pelos arqueólogos Sónia Filipe e Ricardo Teixeira, encontraram-se evidências arqueológicas relacionadas com os testemunhos da estrutura

subterrânea do aqueduto da cidade, alinhamentos murários que poderão estar relacionados com o percurso muralhado e/ou estruturas anexas dependentes do castelo medieval, bem como um conjunto de cerâmicas e alguns elementos osteológicos relacionados com a ocupação pré-romana deste espaço. Na parte central do largo, destaca-se uma estrutura quadrangular com cerca de 20m de lado, que foi interpretada como sendo a base da Torre de Menagem do antigo castelo medieval (FILIPE e TEIXEIRA, 2013). Persiste apenas o embasamento da Torre de Menagem, que assenta numa antiga estrutura com as mesmas características, sensivelmente sob a estátua do rei D. Dinis (Idem).

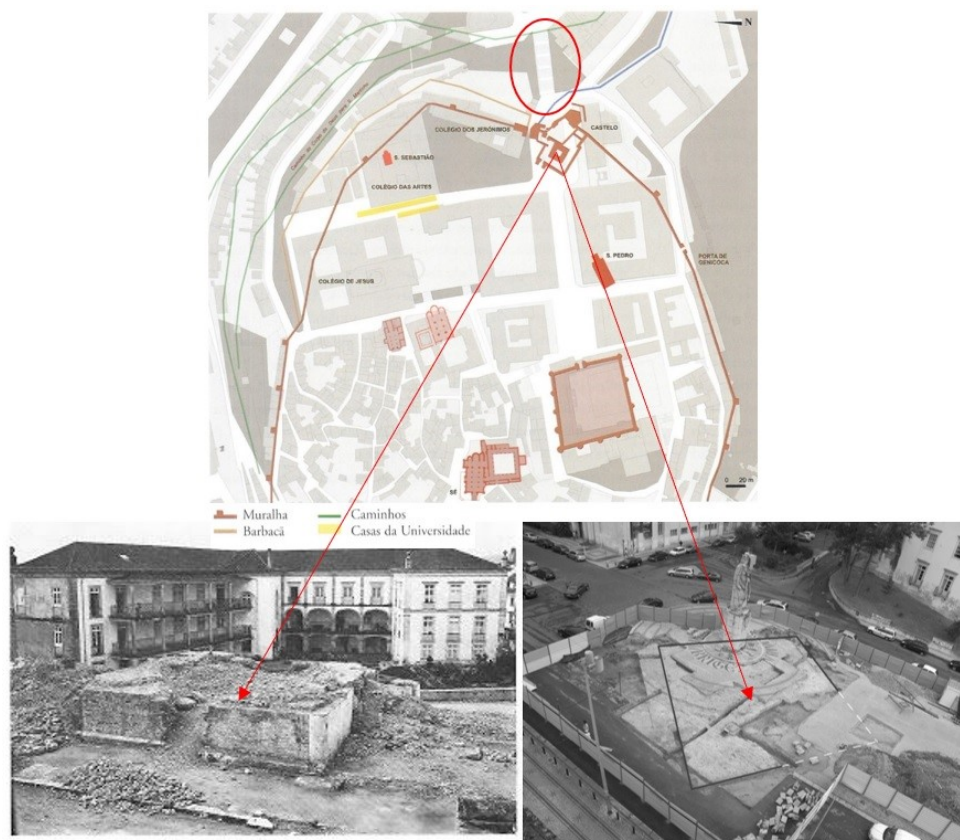


Fig. 4, 5 e 6 - Reconstituição da muralha, do castelo e outros edifícios relevantes de Coimbra (Alarcão, 2008); Vestígios da Torre de Menagem (<http://bloguecentelha.blogspot.com/2007/11/>) e Implantação dos vestígios da Torre de Menagem, registados durante os trabalhos arqueológicos realizados em 2008 no Largo de D. Dinis (foto de Paulo Morgado in SANTOS e MOTA, 2000:8).

### - Urbanismo e Alta -

A zona da Almedina, na época medieval, ainda era a mais populosa, porque as muralhas serviam de proteção contra ataques inimigos, mas uma vez afastado o perigo de invasão, é o arrabalde que vê o número de habitantes crescer. A construção de casas particulares utilizando a muralha como parede começa a ser uma realidade a partir do século XV/XVI. Tentando combater a crescente desertificação da Alta, vários monarcas tentam aplicar medidas para diminuir essa tendência. Uma dessas medidas é a instalação definitiva da Universidade em Coimbra pela mão de D. João III, que teve como consequência transformar a Alta numa zona de referência.

Toda a cidade beneficiou de um forte dinamismo com a permanência da corte régia na cidade entre 1526-1527, a implantação da Universidade e a reforma do Mosteiro de Santa Cruz no ano de 1527, tendo a sua população duplicado entre 1537 e 1560 (OLIVEIRA, 1982).

Para além do aumento de habitantes, Coimbra sofreu ainda um impulso construtivo, com a edificação de vários colégios universitários, reedificação de muitas casas particulares, alargamento e alinhamento de ruas.



O impacto da posterior reforma pombalina não foi tão forte, pois teve maior incidência na zona do Pátio das Escolas, aliás, como a as transformações ocorridas na zona universitária durante o Estado Novo.

O século XX, deu continuidade à expansão e transformação de Coimbra, nomeadamente em meados da centúria (ALARCÃO, 1999). Desta forma, a cidade voltou a ser alvo de grandes transformações e o morro inicial, a partir do qual se formou, seria arrasado e reedificado. Verificava-se então a destruição de grande parte da antiga urbe da Alta, que contribuía para a perda do prestígio de outrora, a favor da Baixa, que cada vez mais se tornou, nesse período o centro nevrálgico da cidade.

Parte da zona que integra a intervenção sofreu profundas alterações com as obras da Cidade Universitária na altura do Estado Novo. As demolições tiveram início em 1943, sob a orientação do arquiteto Cottinelli Telmo e posteriormente por Cristino da Silva. Com elas, desapareceram casas particulares, estabelecimentos comerciais e vários edifícios considerados património histórico, tendo ficado desalojadas cerca de duas mil pessoas (DEPARTAMENTO DE CULTURA, 2009a: 155). O principal objetivo destas obras de grande volumetria, segundo o governo da altura, era o de dotar a Universidade com instalações próprias e adequadas às exigências dos seus estudos (Idem: 158).

Algumas das transformações ocorridas no urbanismo desta zona da Alta foram observadas através de trabalhos arqueológicos, mormente a alteração das Escadas do Liceu, convertidas, sensivelmente na mesma zona, nas Escadas Monumentais.

Desta forma, as sondagens e posterior acompanhamento arqueológico realizado na sequência da «Repavimentação do Bairro Sousa Pinto e arranjos exteriores», permitiram perceber 4 realidades distintas. Assim, a uma cota superior identificou-se uma camada de terra que servia de base à vegetação anexa à zona das Escadas Monumentais, estéril do ponto de vista arqueológico, e que corresponderá cronologicamente a uma fase posterior à remodelação e abandono das Escadas do Liceu, na década de 40, do século XX. A uma cota intermédia foram localizados vestígios de uma calçada que constituía um dos patamares das antigas Escadas do Liceu e ainda parte do painel central das ditas escadas, representado por azulejos brancos, emoldurados por outros de tonalidade castanha. A uma cota mais baixa, já sob os resquícios de calçada, surgiu um complexo estrutural ainda pertencente às Escadas do Liceu que sobrepunha uma pré-existência que poderá eventualmente estar relacionada com o perímetro da primitiva zona amuralhada. Esta estrutura antiga, sem ligação aparente com as Escadas do Liceu, não aparece referida em fontes históricas, cartográficas ou plantas e não possui uma concreta contextualização estratigráfica ou foram encontrados materiais associados, o que dificulta a sua interpretação. Não foi possível auferir as suas reais dimensões ou definir as suas fundações, o que igualmente não ajuda a uma compreensão global do achado. Possuindo uma constituição semelhante a outras encontradas em vários locais da cidade, ou seja, um aparelho tradicional de pedra calcária argamassada, também não possibilita um acrescento de novos dados ao conhecimento da estrutura, que apenas se consegue perceber ser anterior às Escadas do Liceu atribuíveis à centúria de oitocentos. Adossada perpendicularmente a estas estruturas, foi revelada através de uma limpeza manual, a fundação de um outro muro. Este, sem dúvida, relativo ao esquema construtivo das Escadas do Liceu. A opção da preservação destes vestígios foi diversa, por um lado algumas estruturas foram mantidas a descoberto, as restantes, nomeadamente as bases, ficaram em reserva arqueológica, protegidas e assinadas com geotêxtil e areia (MADEIRA 2012).





### - Aqueduto -

O primeiro sistema de abastecimento de águas de Coimbra deverá remontar pelo menos à Época Romana e terá sido sobre as ruínas dessa estrutura, que D. Sebastião mandou erguer em 1570, o novo aqueduto da cidade. O primitivo método recolhia possivelmente as águas de nascentes situadas na atual área de Celas, que seriam canalizadas no percurso inicial através de uma conduta subterrânea, que seguiria segundo Vasco Mantas (1992: 504) pela artéria conhecida no presente por Pedro Monteiro (antigamente denominada como Rua das Arcas de Água, designação aliás bastante sugestiva), passando esse caminho a ser percorrido num aqueduto aéreo desde da zona onde hoje se localiza a Penitenciária até à parte alta da cidade, na colina da Universidade. À chegada à antiga zona do castelo, o encanamento voltava a ser feito de modo subterrâneo, indo desaguar no desaparecido Largo da Feira, local onde facilmente a água era distribuída por toda a cidade (Idem). Deste último trajeto não se conhecem provas arqueológicas, uma vez que a edificação das faculdades em meados do século passado teve como consequência a destruição de vários elementos patrimoniais e alteraram significativamente a estratigrafia daquele espaço. Também a construção, primeiro do Colégio de Tomar e posteriormente da cadeia de Coimbra, assim como a intensa urbanização verificada em torno de Celas e nas proximidades do Parque de Santa Cruz obliteraram profundamente o conhecimento de prováveis vestígios arqueológicos relacionados com o antigo processo de abastecimento de águas da urbe (ALMEIDA e GONÇALVES, 2005: 11). No entanto, era esse o caminho que percorria o abastecimento de água restabelecido no período moderno por determinação régia, devido à prolongada seca que assolou a cidade (Idem: 12).

Conhece-se alguma documentação produzida no âmbito da intervenção de D. Sebastião, que mencionava o reaproveitamento das estruturas em estado de ruína pertencentes à construção original, nomeadamente a reutilização de parte dos pegões, aliás é na base do atual aqueduto que todos os especialistas concordam vislumbrar ainda tramos de aparelho romano (ROSSA, 2001: 62).

### - Jardim Botânico -

Os jardins botânicos surgem na Europa como consequência da expansão europeia do século XV. Posteriormente, no século XVIII, ocorreu uma revolução de mentalidades e deu-se um grande impulso na ciência, nomeadamente no campo da Medicina. É neste âmbito que nasceu o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, localizado no coração da cidade desde 1772, por iniciativa do Marquês de Pombal. Essa área verde estende-se por 13 hectares em terrenos que na sua maior parte foram doados pelos frades Beneditinos ([http://www.uc.pt/jardimbotanico/O\\_Jardim\\_Botanico\\_da\\_UC](http://www.uc.pt/jardimbotanico/O_Jardim_Botanico_da_UC)).

Os trabalhos de construção iniciaram-se em 1774, de forma modesta, com a edificação de um muro de suporte inferior do lado da antiga cerca dos Beneditinos, constituído por pedra e entulho (com o objetivo de encher a grande depressão) oriundo das demolições do edifício dos jesuítas e do castelo (nomeadamente devido à construção do Observatório). Paralelamente principiou também a pesquisa e encanamento das águas, «sem as quaes a cultura seria impossível.» (HENRIQUES, 1876: 12) Tanto o aterro como o encanamento das águas, ficaram apenas concluídos no ano de 1790 (Idem: 11 e 12; CORREIA e GONÇALVES, 1947: 110).

A intervenção inicial contou com a colaboração do jardineiro Júlio Mattiazi e de João Rodrigues Vilas, este último viria a ser o primeiro jardineiro do Jardim. A sua notável riqueza florística deve-se à intervenção de botânicos famosos, como



Avelar Brotero, naturalista e botânico, que alargou o espaço do Jardim com a finalidade de cultivar espécies exóticas. Os terrenos adquiridos, nessa altura, através da compra da Cerca dos Marianos formariam a atual Avenida das Tílias e os restantes patamares até ao portão mais a Sul. A outra parte formou o espaço da Mata que atualmente tem como limite o Hospital Militar ([http://www.uc.pt/jardimbotanico/O Jardim Botanico da UC](http://www.uc.pt/jardimbotanico/O_Jardim_Botanico_da_UC)).

A última e grande incorporação de terrenos, sucedeu no ano de 1868, com a integração da restante área da Cerca dos Beneditinos, vindo deste modo a estender-se a Mata do Jardim até próximo das margens do Mondego. Neste novo espaço começaram de imediato as plantações e a abertura de caminhos. Mais tarde, já no século XX, os trabalhos na zona da Mata voltam a ter um novo estímulo, sob o pulso de Luís Carrisso, nos anos 30. Abílio Fernandes, nos anos 40, consegue finalmente estabelecer a ligação entre o Jardim e a Mata, junto ao Quadrado Central e no final do século, José Mesquita realiza o calçetamento dos caminhos da Mata. A Mata do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra destaca-se por várias espécies arbóreas, mas pode ainda encontrar-se um rico património edificado.

### **- Antigo Colégio de S. Bento -**

O antigo colégio de S. Bento foi fundado em 1555, junto ao castelo, mas fora de portas das muralhas. A edificação forma um grande quadrilátero, centrado por um pátio central. A igreja colegial ficou concluída em 1634, tendo sido destruída no ano de 1932. Perdeu a sua função com as extinções das ordens religiosas (DEPARTAMENTO DE CULTURA, 2009b: 32-33).

### **- Colégio de S. Jerónimo -**

Os frades da Ordem de S. Jerónimo em 1549 terão adquirido um terreno a Norte do Castelo, para construírem o seu Colégio. As obras iniciaram em 1565 e em 1572/3 é que o Colégio de S. Jerónimo foi ocupado (CORREIA e GONÇALVES, 1947). Consta que o terramoto de 1755 provocou grandes danos no edifício, motivando o seu abandono (Idem).

Extinto na sequência do decreto de 1834, que determinou a dissolução das Ordens Religiosas, em 1836, o edifício ficou à disposição da Universidade de Coimbra. A partir daqui, seria alvo de sucessivas obras que descaracterizaram muito o seu aspeto original. Em 1848, foi aqui instalado o primeiro serviço de assistência hospitalar, que cessou em 1987 (Idem). Esta nova funcionalidade, entre outras alterações, dividiu a igreja em três pisos, com abertura de novas janelas e posteriormente foi ainda, acrescentado um quarto piso na parte superior (VILAS BOAS, 2010). A fachada Oriental do Colégio ergue-se sobre a muralha da cidade, desde a Porta do Castelo, à qual se encostou a igreja (Idem).

### **- Paço das Escolas -**

Em 1290, D. Dinis criou a Universidade mais antiga do país, que é reconhecida no mesmo ano pelo papa Nicolau IV. O Estudo Geral começa a funcionar em Lisboa e é transferida definitivamente para Coimbra em 1537, por ordem do Rei D. João III, após um período de migração entre estas duas cidades. Funcionou desde logo no Paço Real da Alcáçova de origem islâmica, que era o conjunto de edificações onde a corte se instalava quando estava na urbe, mais tarde Paço das Escolas, onde se concentraram as áreas lecionadas na época – Teologia, Cânones, Leis e Medicina.



Ao longo dos anos, o espaço foi sofrendo várias transformações, mas apenas no século XIX, atingiu o aspeto que hoje mantem.

Os Paços aglutinam várias construções distintas, todas com uma arquitetura imponente, mas que constituem um conjunto harmonioso entre si, como:

- A Porta Férrea, traçada pelo mestre-de-obras António Tavares, sendo as obras dirigidas por Isidro Manuel, entre 1633-1634 (DEPARTAMENTO DE CULTURA, 2009a: 112-113);

- A Torre, foi edificada entre 1728-1733, sendo a planta original de Gaspar Ferreira, mas posteriormente alterada por um arquiteto real, cuja identificada ainda não é totalmente conhecida (Idem: 120).

- A Biblioteca Joanina, foi edificada para guardar o importante acervo bibliográfico existente na Universidade. A obra iniciou em 1717, sendo de autoria desconhecida, no entanto, são conhecidas algumas plantas complementares de Manuel Moreira e Gaspar Ferreira, a cantaria foi entregue a António Martins João e os vidros a António Salgado.

O interior do edifício é sumptuoso, as 3 salas são revestidas por estantes e motivos ornamentais, sendo ocupadas as paredes, quase totalmente, por um varandim construído sobre estípides com capitéis de volutas. Os motivos trabalhados em relevo são recobertos a ouro, brunidos ou estofados. O mobiliário tem na decoração um rico reportório de motivos chineses, vegetalistas e fantasistas. Os tons das figuras douradas têm fundo de cor diferente, consoante as salas, azul na primeira, vermelho na segunda e verde na terceira. Os tetos criam a ilusão de um espaço arquitetónico maior, devido a uma perspetiva ascendente (Idem: 116-118);

- A Capela da Universidade ou Capela de S. Miguel, foi construída na sequência da ampliação do Paço Real e é de estilo manuelino. Marcos Pires inicia o projeto em 1517, mas será Diogo de Castilho que conclui a obra. Neste templo destaca-se o órgão da capela, que data aproximadamente de 1733, assim como as pinturas do teto abobado realizadas por Francisco Ferreira de Araújo, nos finais da centúria de seiscentos (DEPARTAMENTO DE CULTURA, 2009b: 64-66);

- A Via Latina foi construída sobre o antigo eirado manuelino. Esta possui uma colunata do século XVIII, interrompida por um corpo central composto por 3 arcos com frontão, acessível por uma escadaria. O lanço inicial tem seção semicircular e dá acesso a outros 2 lanços laterais. Esta junção apresenta um caráter cenográfico e dinâmico, típico do estilo barroco. Salienta-se o grupo escultórico da Via Latina, um trabalho de Laprade, datado de 1700-1701 (DEPARTAMENTO DE CULTURA, 2009a: 112-113);

- O Colégio (antigo Colégio Maior de S. Pedro), ocupou o primitivo espaço do aposento dos Oficiais do Paço Real. Trata-se de um edifício quinhentista, que foi sofrendo ao longo dos tempos várias remodelações. Após as extinções das ordens religiosas, em 1834, passou a fazer parte da Universidade e aí se instalou a Reitoria (Idem: 115).

- As Escadas de Minerva, estabelecem a ligação da zona sul intramuros ao pátio da Universidade pelo flanco sul da Casa da Livraria. Este local sofreu várias remodelações, sendo a mais relevante a ocorrida entre 1691-1692 (Idem: 119).

- Outras salas e o pátio, destaca-se a Sala dos Capelos, que foi adaptada a partir da Sala Grande do Paço Manuelino e serve como espaço privilegiado para grande festas e solenidades. Esta sala tem uma decoração ao estilo barroco e a remodelação ocorreu entre 1654 e 1656 (Idem: 107).

O espaço abrangido pelo pátio foi alvo de algumas campanhas de escavações arqueológicas, desde o ano 2000 e revelaram elementos significativos para o conhecimento da ocupação humana na parte superior da colina, onde se



desenvolveu originalmente a urbe coimbrã. A prevalência dos achados de índole arqueológica é significativa, mas também a ampla diacronia temporal que revelou.

Recuando ao período Romano, foi posto a descoberto uma *domus* com termas privadas, que foram sofrendo alterações na antiguidade tardia. Foi também visível a existência de uma cisterna romana.

Da época islâmica, ainda na fase emiral/califal, identificaram-se vestígios do Alcácer, palácio fortificado, nomeadamente alguns tramos de muralha, uma das quais incluía uma pedra visigótica reaproveitada e parte de uma torre. A capela assentou e reutilizou uma parte da muralha, sendo visível no seu exterior, a sul, uma calçada que acompanhava a muralha.

Posteriormente, na etapa Medieval e Moderna, a área sofreu diversas remodelações que a alteraram profundamente. Destes momentos cronológicos ressalva-se a localização de uma calçada de seixos médios, que rodeava o tramo sul da alcáçova medieval; uma forja/fundição medieval; alguns muros pertencentes ao período medieval e moderno; lixeiras modernas; e galerias de águas pluviais, outros muros e lajes de torreão. Entre os materiais revelados destacam-se diversos fragmentos cerâmicos, restos de construção, vidros, objetos metálicos e moedas (DEPARTAMENTO DE CULTURA, 2009: 65).

### **Outros Trabalhos Arqueológicos conhecidos do espaço em apreço e nas suas proximidades:**

- Intervenção arqueológica no âmbito da «Empreitada para a Recuperação e Requalificação do Largo da Porta Férrea / Rua Larga / Alta Universitária de Coimbra», ocorreu na Rua Larga desde o Largo D. Dinis até à Porta Férrea. Dos trabalhos realizados constatou-se que os estratos identificados pertencem a períodos recentes e estão sobretudo relacionados com a instalação de infraestruturas. Por um lado, detetou-se a uma cota muito superficial a camada geológica, por outro, foram visíveis alguns dos rebaixamentos ocorridos durante a construção da Cidade Universitária, no século XX (nessa altura em certas áreas chegaram a ser removidos cerca de 5m de substrato rochoso), e que eliminaram quase totalmente a estratigrafia original. Não foram registados vestígios arqueológicos;

- Intervenção de arqueologia preventiva, sondagens arqueológicas na área de implantação da nova biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, entre o Paço Real das Escolas e a Casa dos Melos. Os trabalhos arqueológicos foram precedidos por uma ação de prospeção geofísica, pelo método de georadar, que serviram de suporte para as áreas sondadas arqueologicamente. A intervenção teve como principal objetivo caracterizar o potencial arqueo-estratigráfico no espaço situado entre o Paço das Escolas e a Casa dos Melos, num momento prévio à concretização do projeto de instalação da nova Biblioteca da Faculdade de Direito. De salientar que, não foram efetuados trabalhos quer na Casa dos Melos, quer na Casa do Contador, uma vez que estavam ocupados com atividades letivas. Os trabalhos arqueológicos dividiram-se em 3 zonas intervencionadas de forma sequencial. A zona 1, situava-se no espaço sobranceiro ao Pátio do Edifício da antiga Faculdade de Farmácia, onde foi efetuada uma sondagem arqueológica, numa área com 120m<sup>2</sup>. Neste local verificou-se a existência de uma complexidade de vestígios, que permitiram percecionar uma ocupação espacial, talvez desde a Época Moderna aos dias de hoje. Concretamente, é possível identificar numa camada superior um conjunto de infraestruturas, com materiais dos séculos XIX e XX. Sob esta





unidade verificaram-se depósitos de aterro para nivelar a plataforma, com 2 fases distintas: a primeira com espólio dos séculos XIX e XX e a segunda, após um piso de argamassa, com vestígios pertencentes, sobretudo, ao século XVII e XVIII. Segue-se uma lixeira, com materiais fundamente de carácter doméstico, seguindo-se um conjunto de estruturas em mau estado de conservação, que aparentam ser de contexto habitacional e com uma cronologia entre os séculos XVI e XVII. Neste conjunto estrutural destaca-se ainda um muro com desenvolvimento linear, com dimensões consideráveis, 1,50m de largura, com uma altura (visível na altura) de 2,60m.

A zona 2 localizava-se numa plataforma regular, sobranceira ao claustro da Sé Velha, onde foi escavada uma área de 48m<sup>2</sup>. Os resultados auferidos permitiram detetar níveis de aterro, pertencentes aos séculos XIX e XX.

A sondagem escavada na zona 3, possuía 7m<sup>2</sup>, e situava-se no canto Noroeste exterior do edifício do Paço das Escolas. Esta escavação resultou na identificação de um conjunto numeroso de infraestruturas ainda ativas.

### **Eixo da Praça João Paulo II – Sereia**

No ano de 1885, a autarquia de Coimbra comprou a antiga Quinta do Mosteiro de Santa Cruz, projetando para a área vários arruamentos e mantendo uma ampla zona verde, o conhecido Jardim da Sereia (ALARCÃO, 1999: 5). Deste modo, “nasceu” a Praça da República (nome atribuído pelo Município a 20 de outubro de 1910), primitivamente designada por Praça de D. Luís (por deliberação da Câmara Municipal de 24 de outubro de 1889) (LOUREIRO, 1964: 399), e outras artérias da cidade como a Avenida de Sá da Bandeira, a Rua Lourenço Almeida de Azevedo, a Rua Tenente Valadim, a Rua Oliveira Matos, a Rua de Castro Matoso, a Rua Alexandre Herculano, a Rua Almeida Garrett e a Rua de Tomar, inauguradas a 17 de dezembro de 1888, em comemoração do batizado do Infante D. Manuel, futuro D. Manuel II. No entanto, ainda em 1895, decorriam nesta zona trabalhos relacionados com terraplanagem, calcetamento, implantação de valetas e passeios (ALARCÃO, 1999: 5).

O topónimo Praça João Paulo II foi atribuído, ao anterior Largo de S. Sebastião, em homenagem à visita do papa à cidade de Coimbra em maio de 1982. A monumental estátua visível na rotunda, moldada em bronze, é uma obra do artista conimbricense Cabral Antunes e foi inaugurada em 1985.

### **- Cadeia Penitenciária de Coimbra -**

No local onde atualmente está implantada a Cadeia Penitenciária de Coimbra, encontrava-se erigido o Colégio de Nossa Senhora da Conceição da Ordem de Cristo, vulgo Colégio de Tomar. O primitivo colégio foi fundado por D. João III em 1556, embora as obras de construção tenham iniciado efetivamente em 1560 e apenas terminado no ano de 1713, altura em que foi inaugurada a igreja. Em 1852, foi vendido em hasta pública, e em 1873 o conjunto na posse da Câmara Municipal, é entregue à Junta Geral de Distrito de Coimbra para instalação de uma cadeia distrital (DEPARTAMENTO DE CULTURA, 2009b: 466).

O edifício seguiu o modelo do “Projecto de Penitenciárias Distritais” do Eng.º Ricardo Júlio Ferraz de 1875, embora com as devidas adaptações ao local de implantação. O plano utilizado foi o de planta radial, tendo adotado no corpo principal a forma de cruz latina. Destaca-se ainda, a utilização extensiva do ferro, nomeadamente no octógono, ponto focal do



protótipo radial, acentuado por dimensões incomuns, com aberturas nos 8 lados sobre as alas com gradões integrais, e marcado, a meia altura, pela estrutura da antiga capela suspensa (Idem).

### - Parque de Santa Cruz -

Mencionando a origem histórica do Parque de Santa Cruz, importa referir que embora fizesse parte da cerca dos frades crúzios, a construção e arranjo do Parque remonta aos anos entre 1723 e 1752, quando D. Gaspar da Encarnação presidia a Casa dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho (BORGES, 1987: 117). O espaço, vulgo Jardim da Sereia, foi implantado dentro da Cerca do Mosteiro de Santa Cruz e servia como zona de reflexão para os religiosos em determinados dias, “dies rusticationis” (DEPARTAMENTO DE CULTURA, 2009b: 494). A configuração claramente barroca, de cariz cenográfico, presente na grande maioria das áreas e na ornamentação do Jardim, denuncia exatamente a época que lhe deu origem. Deste conjunto sobressaem várias espécies de árvores, o recinto do Jogo da Péla (um desporto que poderá ser considerado como uma espécie de antepassado do ténis atual, que se jogava em França pelo menos desde o século XIII, e cujo recinto podia ser interior ou exterior), a cascata situada ao fundo deste recinto, a escadaria que ligava a cascata à Fonte da Nogueira/Sereia/Tritão e o lago circular.

O pórtico de acesso ao Jardim é composto por 3 arcos e encontra-se ornamentado por concreções calcárias, oriundas das grutas existentes nas cercanias de Coimbra. Esta entrada é encimada por 3 esculturas que representam teologicamente as virtudes da Fé, Esperança e Caridade, indispensáveis, segundo a Igreja, à salvação do Homem. O pórtico é ladeado por 2 torreões de planta quadrangular e de cobertura em forma de pirâmide, onde se observam decorações de pintura a fresco. No exterior essas pinturas são apenas decorativas, enquanto no interior surgem imagens da vida de Santo Agostinho, São Teotónio e D. Afonso Henriques. Antigamente estes torreões seriam mais elevados, pois acedia-se ao Parque através de uma escadaria de treze degraus, entretanto desaparecida. Já dentro do Parque, observamos ao fundo e depois do recinto da Péla, a imagem de Nossa Senhora da Conceição integrada na cascata, e num plano mais afastado, dois medalhões de azulejos e esculturas representativas de Sara e Agar no Deserto e o profeta Eliseu lançando sal nas águas de Jericó (BORGES, 1987, p. 118).

Toda a configuração iconográfica e disposição dos próprios espaços do Parque evocam a orientação para a qual este foi fundado, ou seja, um local de meditação para os religiosos de Cenóbio de Santa Cruz (Idem).

Com a extinção das ordens religiosas, os terrenos pertencentes à Quinta de Santa Cruz foram parar à mão de particulares, sendo esta adquirida pela Câmara Municipal de Coimbra através de leilão no ano de 1885 (GERVÁSIO e BANDEIRA, 2005: 5).

O monopólio da gestão das águas de Coimbra foi sobretudo gerido pelos crúzios e apesar das várias polémicas entre a população coimbrã e estes religiosos, após a construção do Parque de Santa Cruz, entre 1723 e 1752, essa hegemonia continua visível através da enorme proliferação de fontes, cascatas e um lago artificial. Essas estruturas eram abastecidas por uma complexa rede de galerias e canos que ligariam depois ao “cano geral” da Ribela.

Importar, ainda, mencionar que as galerias (galeria do talude, galeria do escadório e galeria da fonte) edificadas no âmbito da implementação do Parque de Santa Cruz, conduziram à destruição, pelo menos são desconhecidos indícios



arqueológicos, do sistema anterior nesta zona. Esta rede de galerias proveria água às diversas fontes e espelhos de água do jardim e seriam abastecidas a montante pela galeria da Rua Pedro Monteiro e desaguiariam na da Sá da Bandeira (ALMEIDA e GONÇALVES, 2005: 31-33).

Nesse espaço foram já efetuados vários trabalhos de arqueologia, nomeadamente:

- Parque de Santa Cruz – Estabilização dos Taludes Confinantes com a Rua de Tomar (2003). A ação arqueológica baseou-se no acompanhamento dos trabalhos de estabilização dos taludes de aterro que servem de suporte à plataforma da Rua de Tomar – passeio e faixa de rodagem. A intervenção pautou-se por ações de desmatação e escavação em terras de aterro, por isso os resultados obtidos foram estéreis a nível arqueológico. Foram identificados alguns materiais cerâmicos de cronologia variada que apareceram descontextualizados;
- Intervenção de acompanhamento arqueológico do Sistema de Galerias Subterrâneas de Coimbra (2004/2005). Trabalhos supramencionados relativos às galerias subterrâneas;
- Recuperação do Parque de Santa Cruz (2005). Na sequência desta intervenção, foi realizada uma sondagem arqueológica, com as dimensões de 2mX6m, para uma melhor perceção do local, nomeadamente das suas condutas. Esta sondagem permitiu identificar estruturas relacionadas com uma conduta, que se situa entre o Parque de Santa Cruz e desce a Avenida Sá da Bandeira e outras duas que estão interligadas ao Torreão Sul. Nesta ação foi ainda efetuado o acompanhamento da desmatação de algumas áreas e da abertura de valas para a drenagem das águas pluviais por detrás dos muros-bancos, ao longo da balaustrada e a contornar os torreões. As dimensões das valas variavam oscilando entre os 50cm/60cm de largura por 50cm/1.20m de profundidade. No âmbito desta intervenção foram identificadas 5 caixas de pequenas dimensões pertencentes à conduta, que se consideraram caixas de respiro. Foi ainda detetado junto à entrada do Torreão Sul, o arranque de um arco em tijoleira, cujo significado não ficou esclarecido. Este indício arqueológico foi preservado;
- Trabalhos arqueológicos de emergência na conduta no Parque de Santa Cruz (2013). Devido a um abatimento verificado numa conduta no Parque de Santa Cruz, existente junto ao busto de Cabral Antunes, foram efetuados trabalhos de consolidação da estrutura identificada, que constaram na limpeza do sítio que sofreu o abatimento e restabelecimento da conduta. Neste sentido, foi necessário o acompanhamento arqueológico de todos os trabalhos relativos a mobilizações de solo, nomeadamente a escavação executada para limpeza do espaço em causa. O procedimento final terá sido dentro das circunstâncias, o mais eficiente. Desta forma, foi colocado um tubo desde o interior da suposta galeria feita no substrato rochoso, até à área onde a conduta sofria um certo desnivelamento, uma vez que o espaço que a antecedia encontrava-se em más condições, sendo iminente um eventual aluimento. Esta conduta poderia fazer a condução de águas de alguma nascente/córrego. Conjeturando, pode pensar-se que a canalização percorre um trajeto no sentido Sudeste, desviando-se, já no vulgo Jardim da Sereia, para Norte, desta forma desce a artéria conhecida por Almeida Garrett, indo entroncar em outra conduta existente no dito Parque. A conduta foi erguida utilizando vários métodos construtivos, por um lado temos a sua escavação na rocha e por outro temos o sistema da edificação de dois muros laterais com tamponamentos que também são desiguais, por vezes surge um fecho recorrendo a um remate por meio de uma abóbada feita em tijolos com ligante de argamassa, outras visualiza-se um acabamento usando lajes, que parecem ter sido reaproveitadas, e que estão colocadas horizontalmente. A conduta



agora intervencionada entroncaria com a outra posta em evidência durante os trabalhos de 2005 de Recuperação do Parque de Santa Cruz;

- Os trabalhos arqueológicos que foram desenvolvidos em 2019, no âmbito do projeto designado por «Orçamento Participativo 2018. Sereia...para Brincar!», consistia na requalificação do Parque de Santa Cruz, nomeadamente na introdução de valências de jogo e recreio no Jardim da Sereia com o objetivo de potenciar a animação de um local atualmente votado ao abandono.

O local em questão situava-se imediatamente a Norte do patamar onde se encontra a estátua do Tritão, no topo do escadório do parque, a uma cota mais elevada. É limitado a Norte por um anfiteatro natural ali implantado durante a ocupação deste espaço pelo Exploratório Científico – Centro de Ciência Viva, a Nascente por um muro revestido a pedra calcária e a Poente por zona verde em talude.

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico não permitiram identificar nenhum indício de interesse arqueológico ou patrimonial.

### **Outros Trabalhos Arqueológicos conhecidos do espaço em apreço e nas suas proximidades:**

- Em 2009 e 2012 ocorreram trabalhos relacionados com a rede de iluminação pública na Praça João Paulo II, assim como em 2021/2022 se procedeu ao levantamento e reaplicação do seixo rolado, após saneamento da base da via no lado Este da rotunda, sendo os resultados arqueológicos inexistentes;

- O acompanhamento arqueológico, datado do ano de 2011, da empreitada «Construção e Conservação de Edifício na Rua de Tomar n.º 5 -5A», no qual resultou a observação das demolições e picagens de reboco permitiu perceber que tanto o edifício principal, como o anexo seriam construções recentes, do século XX;

- Os trabalhos de acompanhamento arqueológico da «Reabilitação de edifício habitacional na Rua de Tomar, 6», em 2011, não permitiram identificar nenhum indício de interesse arqueológico ou patrimonial. Somente se verificou a localização de níveis térreos vegetais, sobrepostos a níveis geológicos;

- Na sequência do acompanhamento arqueológico da «Abertura de vala para infraestruturas na Rua Castro Matoso», em 2020, não foram identificados quaisquer indícios do ponto de vista arqueológico, provavelmente devido à existência de diversas outras infraestruturas no subsolo.

### **DESCRIÇÃO DO PROJETO**

Com especial incidência sobre os aspetos definidos no art.º 15º do D.L. 140/2009, de 15 de junho

### **OBJETIVOS DA INTERVENÇÃO**

As intervenções destinam-se à melhoria do espaço público e de acessibilidades pedonais e de mobilidade de modos suaves. Abrangem o reperfilamento viário, a reformulação da circulação rodoviária, a reformulação das áreas destinadas a estacionamento, melhoria das acessibilidades pedonais, reformulação de infraestruturas, iluminação pública e cénica, arborização, pavimentação e renovação do mobiliário urbano, de forma a melhorar o conforto e a imagem de toda esta área.





## CARACTERÍSTICAS GERAIS DA INTERVENÇÃO

A localização privilegiada desta área de intervenção, implica que seja estudada a sua articulação com a envolvente, a qual apresenta alguns aspetos a considerar:

- A sua inserção no seio da Universidade com todos os serviços que presta à cidade e a proximidade de outros equipamentos (Penitenciária, Quartel da GNR), que poderão vir a ser libertos no futuro para outras funções;
- O elevado valor patrimonial existente;
- A concentração de locais com importante carga simbólica;
- Concentração de equipamentos relevantes;
- Existência de eixos de ligação importantes para a dinâmica da cidade;
- Vias de circulação na área de influência da futura rede do MetroBus;
- Proximidade de zonas residenciais;
- Futura articulação com o Metro Bus, como fator de grande acessibilidade;
- Articulação com espaços urbanos que poderão beneficiar da intervenção (Jardim dos Patos, Largo de Santana, R. de Infância);
- Proximidade do Jardim Botânico;
- Dinâmica universitária e turística.

Pretende-se, assim, nesta prestigiada área de intervenção, reordenar o trânsito e os espaços de estacionamento, de forma a libertar espaço público que permita melhorar as condições de fruição de forma a dar a primazia e conforto aos peões e, simultaneamente, contribuir para valorizar o Património existente.

Pelo que, os trabalhos previstos para as diferentes zonas de intervenção são os seguintes:

- Repavimentação de toda a área;
- Reformulação das infraestruturas existentes;
- Reformulação da Iluminação pública da via e espaços adjacentes;
- Iluminação cénica de elementos patrimoniais relevantes (Elementos escultóricos, Monumentos e Edifícios Classificados);
- Reordenamento do trânsito;
- Reordenamento do estacionamento;
- Sinalização rodoviária;
- Plantação de novos alinhamentos de árvores (tratamento das árvores existentes);
- Rede de rega;
- Reordenamento e renovação de mobiliário urbano;
- Implementação de sistemas de pagamento de estacionamento;
- Muros, escadas, rampas e respetivas guardas e corrimãos;
- Renovação dos contentores de RSU e Ecopontos.



|                          | Existente                                                   |                                                             | Proposta de intervenção             |                                                   |
|--------------------------|-------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|-------------------------------------|---------------------------------------------------|
| Elementos construtivos   | <b>Pavimentos</b>                                           |                                                             | <b>Pavimentos</b>                   |                                                   |
|                          | Terreno natural                                             | <input type="checkbox"/>                                    | Terreno natural                     | <input type="checkbox"/>                          |
|                          | Seixo rolado                                                | <input checked="" type="checkbox"/>                         | Seixo rolado                        | <input type="checkbox"/>                          |
|                          | Calçada de calcário                                         | <input checked="" type="checkbox"/>                         | Calçada de calcário                 | <input checked="" type="checkbox"/>               |
|                          | Lajetas de pedra                                            | <input checked="" type="checkbox"/>                         | Lajetas de pedra                    | <input checked="" type="checkbox"/>               |
|                          | Tipo: Granito                                               |                                                             | Tipo: Granito                       |                                                   |
|                          | Saibro                                                      | <input type="checkbox"/>                                    | Saibro                              | <input type="checkbox"/>                          |
|                          | Elementos de betão                                          | <input type="checkbox"/>                                    | Elementos de betão                  | <input type="checkbox"/>                          |
|                          | Betuminoso                                                  | <input checked="" type="checkbox"/>                         | Betuminoso                          | <input checked="" type="checkbox"/>               |
|                          | Deck de madeira                                             | <input type="checkbox"/>                                    | Deck de madeira                     | <input type="checkbox"/>                          |
|                          | Outra                                                       | <input checked="" type="checkbox"/> Cubos granito           | Outra                               | <input checked="" type="checkbox"/> Cubos granito |
|                          | <b>Existente</b>                                            |                                                             | <b>Proposta de intervenção</b>      |                                                   |
|                          | <b>Lancis</b>                                               |                                                             | <b>Lancis</b>                       |                                                   |
|                          | Pedra                                                       | <input checked="" type="checkbox"/> Tipo: Calcário /Granito | Pedra                               | <input checked="" type="checkbox"/> Tipo: Granito |
|                          | Betão                                                       | <input checked="" type="checkbox"/>                         | Betão                               | <input type="checkbox"/>                          |
|                          | Perfil metálico                                             | <input type="checkbox"/>                                    | Perfil metálico                     | <input type="checkbox"/>                          |
|                          | Lajetas de pedra                                            | <input type="checkbox"/>                                    | Lajetas de pedra                    | <input type="checkbox"/>                          |
|                          | Outra                                                       | <input type="checkbox"/>                                    | Outra                               | <input type="checkbox"/>                          |
|                          | <b>Existente</b>                                            |                                                             | <b>Proposta de intervenção</b>      |                                                   |
|                          | <b>Muros</b>                                                |                                                             | <b>Muros</b>                        |                                                   |
|                          | Pedra                                                       | <input checked="" type="checkbox"/> Tipo:                   | Pedra                               | <input checked="" type="checkbox"/> Tipo:         |
|                          | Betão                                                       | <input checked="" type="checkbox"/>                         | Betão                               | <input checked="" type="checkbox"/>               |
|                          | Outra                                                       | <input checked="" type="checkbox"/> alvenaria               | Outra                               | <input checked="" type="checkbox"/>               |
|                          | <b>Existente</b>                                            |                                                             | <b>Proposta de intervenção</b>      |                                                   |
| <b>Vedações</b>          |                                                             | <b>Vedações</b>                                             |                                     |                                                   |
| Metal                    | <input type="checkbox"/>                                    | Metal                                                       | <input type="checkbox"/>            |                                                   |
| Madeira                  | <input type="checkbox"/>                                    | Madeira                                                     | <input type="checkbox"/>            |                                                   |
| Outra                    | <input type="checkbox"/> Clique aqui para introduzir texto. | Outra                                                       | <input type="checkbox"/>            |                                                   |
| <b>Existente</b>         |                                                             | <b>Proposta de intervenção</b>                              |                                     |                                                   |
| <b>Mobiliário urbano</b> |                                                             | <b>Mobiliário urbano</b>                                    |                                     |                                                   |
| Madeira                  | <input checked="" type="checkbox"/>                         | Madeira                                                     | <input checked="" type="checkbox"/> |                                                   |
| Metal                    | <input type="checkbox"/>                                    | Metal                                                       | <input type="checkbox"/>            |                                                   |
| Betão                    | <input type="checkbox"/>                                    | Betão                                                       | <input checked="" type="checkbox"/> |                                                   |



|                          |                                                          |       |                                                          |       |
|--------------------------|----------------------------------------------------------|-------|----------------------------------------------------------|-------|
|                          | Pedra <input checked="" type="checkbox"/>                | Tipo: | Pedra <input checked="" type="checkbox"/>                | Tipo: |
|                          | Resinas <input checked="" type="checkbox"/>              |       | Resinas <input checked="" type="checkbox"/>              |       |
|                          | Outras <input type="checkbox"/>                          |       | Outras <input type="checkbox"/>                          |       |
| Elementos de água        | <b>Existente</b>                                         |       | <b>Proposta de intervenção</b>                           |       |
|                          | Lago <input type="checkbox"/>                            |       | Lago <input type="checkbox"/>                            |       |
|                          | Fonte <input type="checkbox"/>                           |       | Fonte <input type="checkbox"/>                           |       |
|                          | Outra <input type="checkbox"/>                           |       | Outra <input type="checkbox"/>                           |       |
| Elementos vegetais       | <b>Existente</b>                                         |       | <b>Proposta de intervenção</b>                           |       |
|                          | Árvores <input checked="" type="checkbox"/>              |       | Árvores <input checked="" type="checkbox"/>              |       |
|                          | Arbustos <input checked="" type="checkbox"/>             |       | Arbustos <input checked="" type="checkbox"/>             |       |
|                          | Herbáceas <input checked="" type="checkbox"/>            |       | Herbáceas <input checked="" type="checkbox"/>            |       |
|                          | Relvado <input checked="" type="checkbox"/>              |       | Relvado <input checked="" type="checkbox"/>              |       |
|                          | Prado <input type="checkbox"/>                           |       | Prado <input type="checkbox"/>                           |       |
|                          | Outra <input type="checkbox"/>                           |       | Outra <input type="checkbox"/>                           |       |
| Redes de infraestruturas | <b>Existente</b>                                         |       | <b>Proposta de intervenção</b>                           |       |
|                          | <b>Rede de rega automática</b>                           |       | <b>Rede de rega automática</b>                           |       |
|                          | Gota a gota <input checked="" type="checkbox"/>          |       | Gota a gota <input checked="" type="checkbox"/>          |       |
|                          | Aspersão <input checked="" type="checkbox"/>             |       | Aspersão <input checked="" type="checkbox"/>             |       |
|                          | Outra <input type="checkbox"/>                           |       | Outra <input type="checkbox"/>                           |       |
|                          | <b>Existente</b>                                         |       | <b>Proposta de intervenção</b>                           |       |
|                          | <b>Rede de drenagem superficial</b>                      |       | <b>Rede de drenagem superficial</b>                      |       |
|                          | Grelhas metálicas <input checked="" type="checkbox"/>    |       | Grelhas metálicas <input checked="" type="checkbox"/>    |       |
|                          | Valetas / caleiras <input checked="" type="checkbox"/>   |       | Valetas / caleiras <input checked="" type="checkbox"/>   |       |
|                          | Caleiras metálicas <input type="checkbox"/>              |       | Caleiras metálicas <input type="checkbox"/>              |       |
|                          | Outra <input type="checkbox"/>                           |       | Outra <input type="checkbox"/>                           |       |
|                          | <b>Existente</b>                                         |       | <b>Proposta de intervenção</b>                           |       |
|                          | <b>Rede de iluminação pública</b>                        |       | <b>Rede de iluminação pública</b>                        |       |
|                          | Candeeiros de pé <input checked="" type="checkbox"/>     |       | Candeeiros de pé <input checked="" type="checkbox"/>     |       |
|                          | Focos encastrados <input checked="" type="checkbox"/>    |       | Focos encastrados <input checked="" type="checkbox"/>    |       |
|                          | Candeeiros de parede <input checked="" type="checkbox"/> |       | Candeeiros de parede <input checked="" type="checkbox"/> |       |
|                          | Outra <input type="checkbox"/>                           |       | Outra <input type="checkbox"/>                           |       |



## BREVE DESCRIÇÃO DAS PATOLOGIAS EXISTENTES

### Eixo Alta Universitária

Nesta zona a circulação pedonal encontra-se secundarizada em relação à circulação automóvel. Encontra-se estacionamento abusivo em todos os locais que o possibilitem. A existência de lugares de estacionamento não pagos incentiva a que as pessoas se dirijam de automóvel para a zona da UC.

Em espaços de elevado valor histórico e patrimonial são os veículos automóveis que têm primazia. Alguns são mesmo parques de estacionamento autorizados, como o parque de estacionamento P1 da UC no Largo da Porta Férrea.

A faixa central que une a Rua Larga e a Praça D. Dinis é uma vasta área pavimentada, onde a sobrelargura da faixa acentua a monumentalidade do eixo, e que acaba por estar destinada exclusivamente ao trânsito rodoviário dado que o seu pavimento é extremamente desconfortável para a circulação pedonal. Veículos vários estacionam indevidamente neste local.

Existe um excesso de monumentalidade no eixo “Porta Férrea – Rua Larga – Praça D. Dinis – Escadas Monumentais”, típica dos projetos Estado novo. A escala desmesurada é por vezes árdua para os transeuntes. Isso sente-se, por exemplo ao percorrer as escadas monumentais (enorme escadaria que vence um desnível bastante elevado que resultou do desenho rígido implementado) e a Praça Dom Dinis (espaço amplo pavimentado, povoado de carros e com poucas sombras).

No Largo da Porta Férrea existem atualmente cerca de 34 lugares marcados para estacionamento privado da Universidade, contudo existe bastante estacionamento abusivo neste local, nomeadamente a envolver o edifício do Paço Real que se encontra classificado como monumento nacional. De notar que se trata de um espaço de excelência que se encontra ocupado por veículos automóveis.

Na Rua Larga é permitido o trânsito apenas a transportes públicos, no entanto, encontram-se aí frequentemente vários veículos estacionados.

No topo das escadas monumentais encontram-se veículos estacionados cortando a ligação pedonal das escadas ao espaço central da praça, onde se encontra a estatua do Rei D. Dinis. Este espaço encontra-se isolado no meio de um cordão de estacionamento (lugares de estacionamento autorizado e não pago que são os primeiros a ser ocupados, seguindo-se o estacionamento abusivo).

A Praça Dom Dinis é pouco convidativa para ser percorrida pelos peões, encontrando-se completamente pavimentada, com poucas sombras e povoada de veículos estacionados.

### Eixo da Praça João Paulo II – Sereia

A Praça João Paulo II é atualmente pouco mais que um nó rodoviário. Nela existe uma pequena rotunda e um excesso de área de circulação automóvel não orientada. Os condutores perdem-se no meio de tanto espaço viário e isso gera conflitos e insegurança. Existem várias áreas de estacionamento gratuito num espaço de excelência e junto a um monumento nacional.



O espaço pedonal é residual e apenas periférico. Alguém que suba a Rua Alexandre Herculano em direção à Alameda Júlio Henriques tem de contornar um dos lados da praça e sem condições de acessibilidade adequadas (do lado da Calçada Martins de Freitas existem degraus no Arco que impedem uma passagem de acessibilidade universal e as passadeiras estão fora do percurso preferencial dos peões; do lado da Rua de Tomar não existem passadeiras pedonais, sendo que as que existem estão demasiado distante para serem válidas para este percurso).

Existem poucas árvores, poucas zonas verdes e poucas sombras. O monumento de homenagem a João Paulo II encontra-se implantado no meio da rotunda e sem acesso pedonal. A escultura do Papa encontra-se direcionada para a Praça da República pelo que normalmente é visualizada de costas por quem circula de automóvel. Existem vários painéis publicitários de grandes dimensões que contribuem para a poluição visual e a descaracterização de um espaço de excelência. Existem vários postes de tração dos tróleys e respetivos cabos aéreos que perturbam também a leitura do espaço.

Na Rua de Tomar o estacionamento é caótico, muitas vezes com veículos em segunda fila, o que dificulta a circulação automóvel. A existência de escolas e serviços vários contribui para esta situação. O facto de o estacionamento ser gratuito nesta zona também contribui para tal.

As árvores existentes encontram-se completamente envoltas em betuminoso e situam-se entre lugares de estacionamento, condições de existência muito deficientes que as tornam demasiado vulneráveis. Muitas árvores foram abatidas, mas os seus tocos ainda se mantêm no local.

A rua é muito marcada pela presença do muro alto da Penitenciária que ocupa uma grande área desta zona tornando a rua muito desequilibrada.

#### JUSTIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO PROPOSTA (com especial incidência na alínea c) e d) do Art.º 15º do D.L. 140/2009, de 15 de junho)

\* DEVERÁ SER JUSTIFICADO A COMPATIBILIZAÇÃO DAS MATERIAIS UTILIZADOS

Pretende-se reordenar o trânsito e os espaços de estacionamento de forma a libertar espaço público que permita melhorar as condições de fruição de forma a dar a primazia e conforto aos peões e, simultaneamente, contribuir para valorizar o Património existente.

A filosofia de base da intervenção foi a de retirar o máximo de veículos da Alta Universitária ao invés de criar mais estacionamento no local e melhores condições de circulação rodoviária.

Partindo-se do princípio de que a implementação do Sistema Metro Mondego irá criar um paradigma de mobilidade na cidade e que toda a área irá ser bem servida de transportes públicos, a aposta é a de restringir os acessos rodoviários a esta zona, de forma a não facilitar o acesso ao local, e reduzindo assim a propensão para aí circular em busca de um possível lugar de estacionamento. Pretende-se assim desincentivar a utilização do transporte privado em favor do transporte público. Em simultâneo, a redução do estacionamento em superfície e criação de condições do seu controlo. Os estacionamentos restringem-se neste eixo de intervenção e os lugares que persistem passam a ser pagos. De notar, que existe uma oferta de estacionamento privado da Universidade bastante razoável e que a mesma irá permanecer praticamente intacta.

Privilegia-se a utilização do espaço pelo peão e algumas ruas passam a ter sentido único. Pretende-se, assim, clarificar os circuitos e disciplinar o trânsito libertando espaço para os modos de mobilidade suaves (peões e bicicletas).





Propõe-se que o acesso rodoviário à alta universitária passe a fazer-se através da Rua Padre António Vieira, com indicação de entrada em zona de trânsito condicionado e sinalização de redução de velocidade (o atual perfil da rua incentiva à velocidade e nada indica que se irá entrar numa área condicionada, de interesse patrimonial e classificada). Este acesso bifurca para a Rua Inácio Duarte /Rua Marques de Pombal (Museu da Ciência e Chimico) /Rua dos Estudos; e para a Couraça dos Apóstolos/ Rua São João/ Rua de São Pedro.

Estes dois percursos irão cruzar o eixo principal da intervenção que se pretende pedonalizar e que é composto pelos espaços do Largo da Porta Férrea – Rua Larga – Praça D. Dinis e que culmina nas Escadas monumentais.

Em contrapartida a Calçada Martins de Freitas passa a ter circulação automóvel apenas no sentido descendente, com o objetivo de clarificar o sistema de acessos, de disciplinar a circulação local e de, consequentemente, libertar espaço pedonal e ciclável (o que permitirá a introdução de uma ciclovia a unir a Alta à Sereia e que pode futuramente ser estendida a Celas). Os transportes públicos deixam de circular na Rua Larga e cruzam o eixo pedonal contendo paragens junto do Largo da Porta Férrea, nos topos da Rua de São João e da Rua de São Pedro e na Rua do Arco da Traição. Também os transportes coletivos privados (autocarros de turismo) seguem este percurso podendo parar entre a Rua São João e a Rua Arco da Traição.

Propõe-se que a ligação desta área ao Metro Bus seja feita através de um circuito complementar de miniautocarros que liguem às paragens do Metro previstas para a Praça da República.

### **Largo da Porta Férrea – Rua Larga – Praça D. Dinis – Calçada Martins de Freitas**

Pretende-se criar um eixo pedonal que una o Paço das Escolas às escadas monumentais e pavimentar toda a área com um pavimento confortável ao trânsito pedonal. Esta faixa pedonal irá unir estes três espaços que têm caráter diferente e distintos programas.

No Largo da Porta Férrea pretende-se libertar o espaço de veículos e tratar a zona como um espaço de acolhimento, uma antecâmara ao espaço reservado do Paço das Escolas.

Neste largo pretende-se criar uma zona de estadia arborizada e para tal será necessário eliminar os lugares de estacionamento existentes (reduzindo a capacidade do parque de estacionamento do Parque P1 em cerca de 30 lugares). No entanto, será necessário manter a possibilidade de circulação automóvel apenas para passagem e com acesso condicionado (para saída de veículos do estacionamento P1). Serão colocados novos bancos e será melhorada a iluminação dos elementos singulares.

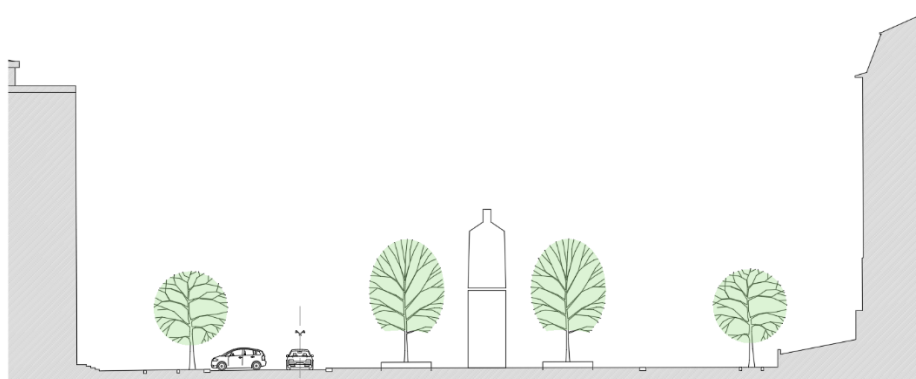
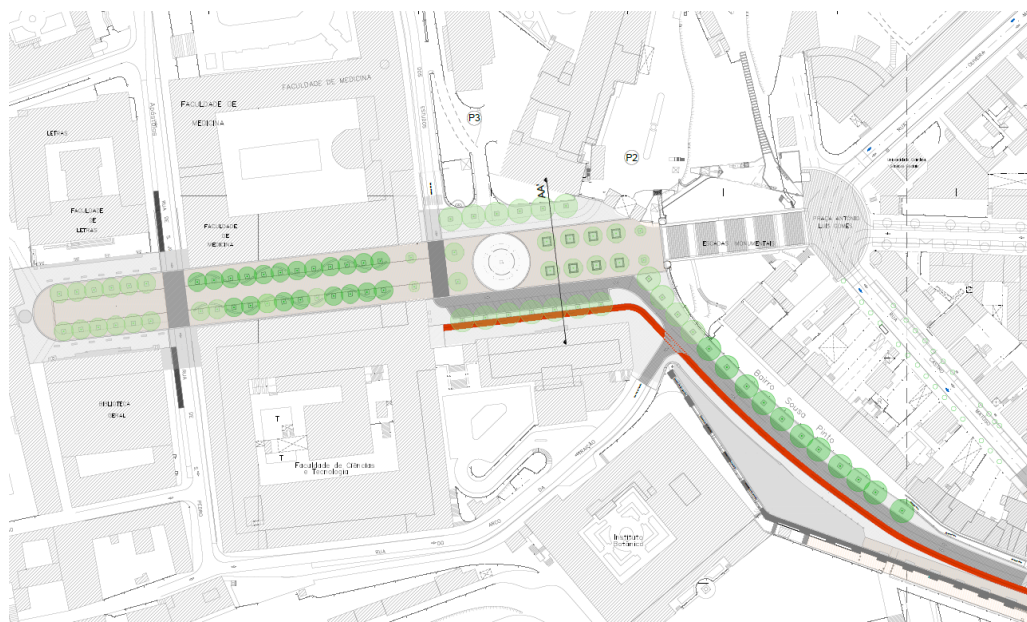
A Rua Larga também passará a ser exclusivamente pedonal (apenas deverá ser permitido o acesso automóvel em situações devidamente controladas). Deverão ser plantadas árvores a completar os alinhamentos existentes e serem colocados bancos com um desenho sinuoso que possa atenuar o caráter rígido e monumental de todo o espaço.

Na Praça D. Dinis o eixo pedonal volta a ser cruzado pela circulação automóvel que vem da Rua dos Estudos e contorna, junto às Matemáticas, no sentido da Calçada Martins de Freitas.

É eliminado o estacionamento junto à zona central da Praça permitindo a união do novo eixo pedonal às Escadas Monumentais. Junto ao edifício da Faculdade de Matemática mantém-se uma faixa de estacionamento em espinha (parqueamento pago e alguns lugares para utilizadores de mobilidade condicionada). Do lado oposto, o espaço será de

passeio pedonal, mas terá acesso condicionado aos parques de estacionamento do Colégio das Artes e do Centro de Estudos Sociais. O acesso ao estacionamento do CES terá de ser reformulado, o que permitirá libertar o edifício da antiga portaria dos Hospitais para novos usos (nomeadamente com a possibilidade de vir a ser a porta de entrada para o futuro elevador, se o mesmo se entender como adequado). Serão plantados novos alinhamentos de árvores com diferentes características e propósitos. Junto ao Edifício das Matemáticas irá nascer uma ciclovia que segue pela Calçada Martins de Freitas em direção ao Jardim da Sereia.

A Calçada Martins de Freitas irá ter duas faixas com sentido descendente exclusivamente e uma ciclovia. No encontro com a Praça João Paulo II é dada prioridade ao atravessamento pedonal, intercetando a via e dando continuidade ao passeio que será de nível.



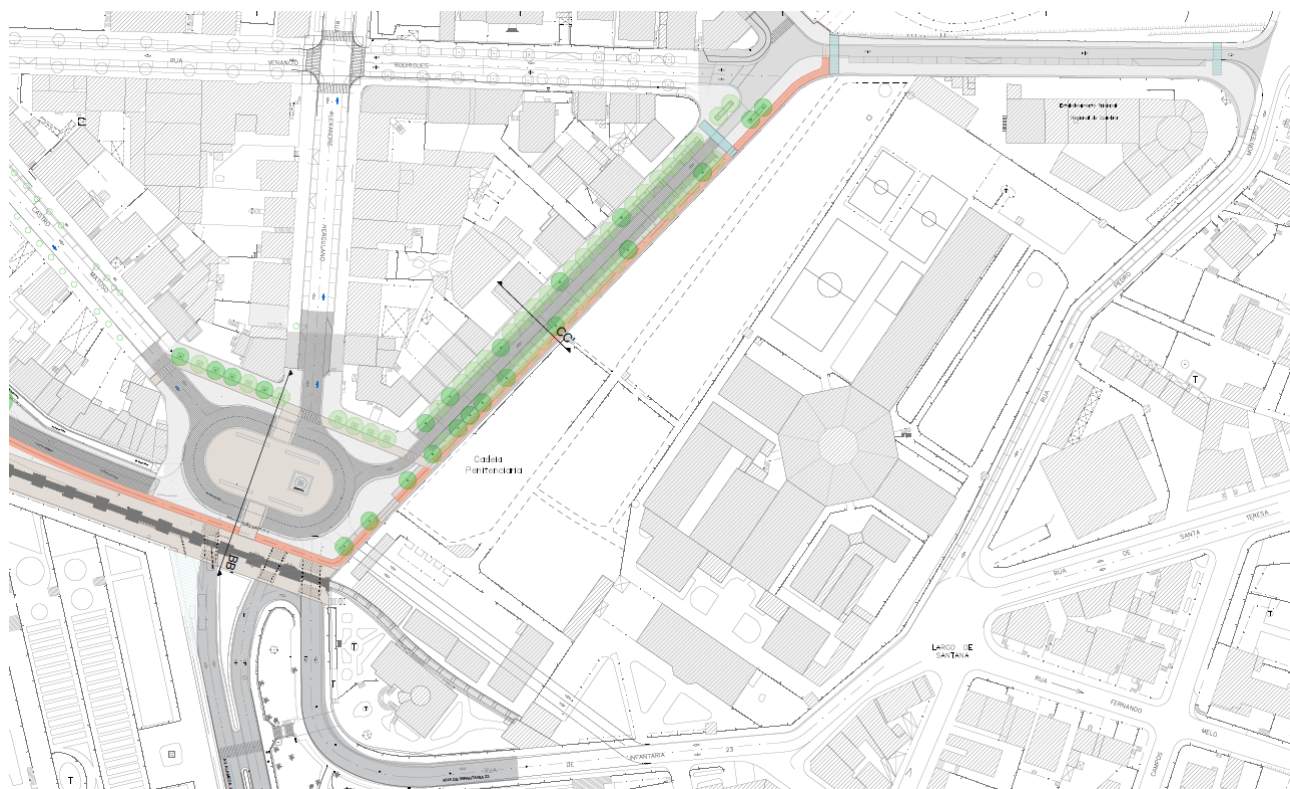
### **Praça João Paulo II – Rua de Tomar**

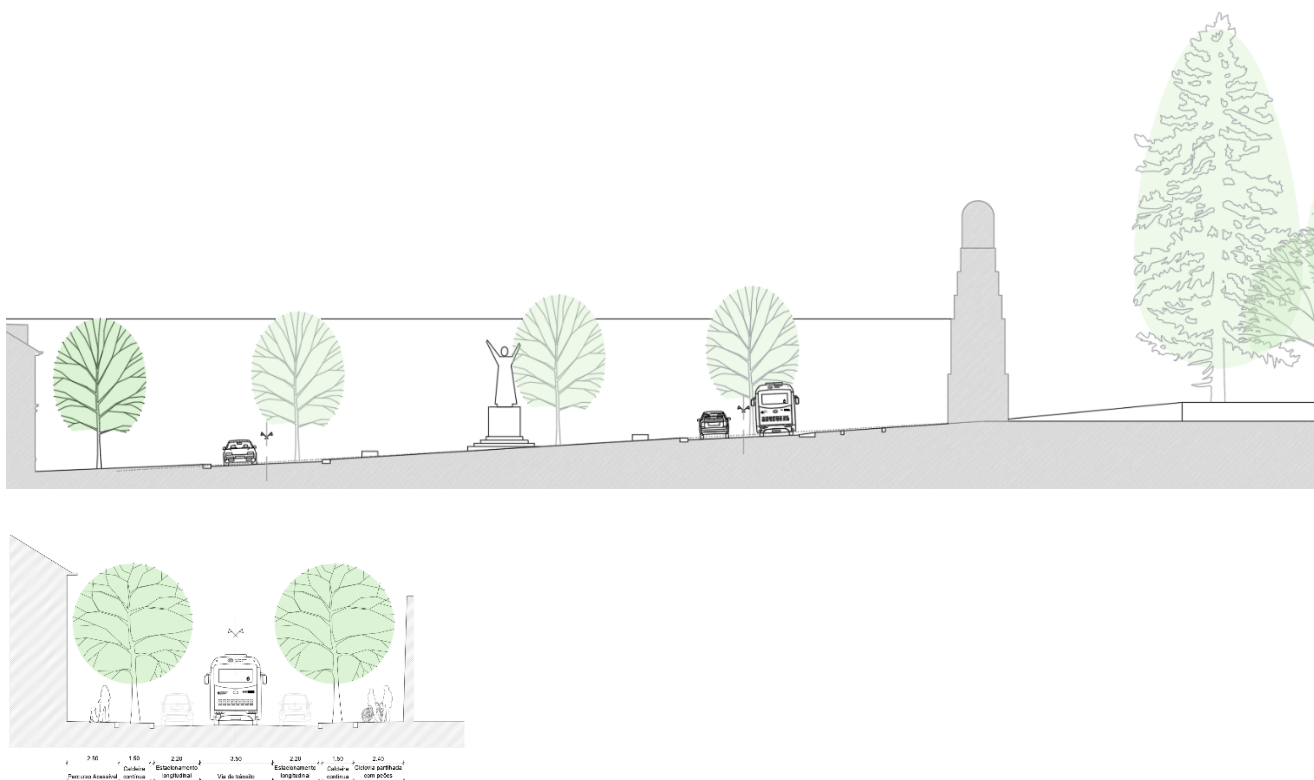
Na Praça João Paulo II pretende-se reforçar o caráter de praça e criar um espaço central de atravessamento e contemplação. Um espaço de fruição, que atualmente não existe e, que valorize todo aquele conjunto dando melhores condições de circulação pedonal. Em simultâneo, pretende-se disciplinar a circulação automóvel e criar condições de escoamento do tráfego que aí ocorre (de notar que se trata de um importante nó rodoviário na cidade). Na zona Central da praça será

reposicionada a estátua do Papa que irá ficar voltada para a Universidade e colocados bancos corridos convidando à estadia e reunião, serão também realizadas passeadeiras pedonais de nível no enfiamento da Rua Alexandre Herculano e da Alameda Júlio Dinis através da passagem por um dos Arcos centrais do Aqueduto. São eliminados os lugares de estacionamento e alargadas as faixas pedonais periféricas. Junto ao aqueduto de São Sebastião serão também alargadas as áreas pedonais criando-se toda uma faixa pavimentada pedonal continua a envolver o aqueduto que indica que, mais uma vez, os veículos perdem prioridade cedendo-a aos peões. O arco onde atualmente circulam os transportes públicos será libertado de forma a permitir a continuidade do percurso pedonal de quem segue pela Alameda Júlio Henriques junto à vedação do Botânico. A Rua de Tomar passará a ter apenas um sentido e o estacionamento passa a ser paralelo ao espaço das caldeiras das árvores. Isso irá implicar algumas alterações de sentidos de trânsito no entorno da penitenciária e em outros arruamentos do bairro de Santa Cruz.

A Rua de Tomar será mais solicitada para o trânsito de atravessamento quando a intervenção do Metro Mondego estiver implementada na Rua Lourenço Almeida Azevedo (encontra-se em elaboração uma proposta de intervenção intermédia para disciplinar o estacionamento de forma a minorar este problema) pelo que a presente proposta de intervenção pretende criar disciplinar todo o trânsito desta zona.

Junto ao muro da penitenciária a ciclovia passa a ser partilhada com os peões.





**NOTA BIOGRÁFICA / CURRÍCULUM DO AUTOR DO RELATÓRIO**  
DE ACORDO COM O PREVISTO NO N.º 1 DO Art.º 5º DO D.L. 140/2009, DE 15 DE JUNHO

Ana Lúcia Tomás de Abreu Canelas de Castro, licenciatura em arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, concluída em 1996, pós-graduação em Design Ambiental Urbano pelo Centro Português de Design em colaboração com a Universidade de Barcelona, concluída em 2002.

A Arquiteta,



**CONSEQUÊNCIAS NO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO** (de acordo com alínea e) do Art.º 15º do D.L. 140/2009, de 15 de junho)

**DESCRIÇÃO DAS MEDIDAS PREVISTAS OU IMPLÍCITAS NA INTERVENÇÃO/ PROJETO, COM POSSÍVEL  
AFETAÇÃO PATRIMONIAL DIRETA**

Nesta intervenção estão previstos trabalhos de reperfilamento viário e de reformulação de infraestruturas, contemplando a colocação de novos lancis, abertura de caixa para pavimentação de vias, passeios e praças, abertura de caldeiras para plantação de árvores e fundações para colocação de mobiliário urbano, assim como, a abertura de valas para a instalação e/ou substituição de infraestruturas básicas. Poderão ocorrer outros revolvimentos de terras pontuais relacionados com o presente projeto.

**PROPOSTA DE MEDIDAS DE MINIMIZAÇÃO**

Uma vez que se trata de um local de grande sensibilidade patrimonial, sugere-se que os trabalhos de arqueologia, mormente no Eixo Alta Universitária, sejam precedidos de prospeções geofísicas. Posteriormente, consoante os resultados obtidos, deverá proceder-se à realização de sondagens arqueológicas de diagnóstico prévio. Os dados provenientes das sondagens efetuadas, poderão determinar o alargamento ou não das sondagens, e eventualmente a efetivação de uma escavação arqueológica mais ampla. Todo esta intervenção deve ser precedida de uma consulta anterior à Equipa de Arqueologia da Universidade de Coimbra, cujos trabalhos arqueológicos realizados na área são consideráveis.

Após esta fase inicial, todos os revolvimentos de terras no âmbito da execução do projeto, deverão ter acompanhamento arqueológico. Este deverá ser feito em permanência durante as ações que possibilitem eventual afetação arqueológica.

No caso da identificação de materiais arqueológicos relevantes ou em contexto significativo deverá ser comunicado à entidade competente, que em conjunto com o arqueólogo designarão as medidas consideradas assertivas.

**BIBLIOGRAFIA E FONTES DOCUMENTAIS RELEVANTES NO ÂMBITO DAS OBRAS / INTERVENÇÃO PROPOSTA**  
(de acordo com alínea g) do Art.º 15º do D.L. 140/2009, de 15 de junho)

- ALARCÃO, Jorge de (1979). As Origens de Coimbra. Atas das I<sup>as</sup> Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro. Coimbra: 23-40.
- ALARCÃO (1999). A evolução urbanística de Coimbra: das origens a 1940. *Atas do I Colóquio de Geografia, Cadernos de Geografia*. N.º especial: 1-10.
- ALARCÃO (2008). *Coimbra: A montagem do cenário urbano*. Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto. Fundação Calouste Gulbenkian. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- ALARCÃO, Jorge; ANDRÉ, Pierre; BARRELAS, Paulo; CARVALHO, Pedro; SANTOS, Fernando Pereira e SILVA, Ricardo (2009). *O Fórum de Aeminium. A busca do desenho original*. IMC – Instituto Português dos Museus/ Museu Nacional Machado de Castro / EDIFER. Coimbra.





- ALMEIDA, Miguel e GONÇALVES, Filipe (2005). Sistemas de galerias subterrâneas de Coimbra (Intervenção de Arqueologia Preventiva). Dryas [policopiado].
- BORGES, Nelson Correia (1987). *Coimbra e Região*. Lisboa. Ed. Presença.
- CARVALHO, F. A. Martins de (1942). *Portas e Arcos de Coimbra*. Coimbra. Edição da Biblioteca Municipal.
- CATARINO, Helena e FILIPE, Sónia (2003). A História tal qual se faz no Pátio da Universidade de Coimbra: apresentação sumária dos vestígios de época romana. *A História tal qual se faz*. Edições Colibri / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Lisboa: 49-63.
- CATARINO, Helena e FILIPE, Sónia (2003A). Arqueologia: Segredos e lições do Pátio da Universidade. *Rua Larga*. Separata O Paço das Escolas Revisitado. N.1. Reitoria da Universidade de Coimbra. Coimbra: 2-4.
- CORREIA, Vergílio (1940). Notas de Arqueologia e Etnografia do Concelho de Coimbra. Separata da *Biblos*. Volume XVI, Coimbra: 42-44.
- CORREIA, Vergílio e GONÇALVES, Nogueira (1947). *Inventário Artístico de Portugal – Cidade de Coimbra*. I. Academia Nacional de Belas Artes. Lisboa.
- CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2004). *A Arquitectura da Ciência. Laboratório do Mundo. Idéias e Saberes do Século XVIII*. Pinacoteca do Estado de São Paulo. São Paulo: 49-101. (<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/47809/1/3.%20A%20Arquitectura%20da%20Ciencia.pdf>), acedido a 27.05.2020.
- Departamento de Cultura\_ Câmara Municipal de Coimbra (Coordenação de António Leite da Costa e Mário Nunes). (2008). *Coimbra: Das Origens a Finais da Idade Média*. Gabinete de Arqueologia, Arte e História. Departamento de Cultura. Câmara Municipal de Coimbra.
- Departamento de Cultura\_ Câmara Municipal de Coimbra (Coordenação de António Leite da Costa e Mário Nunes). (2009a). *Coimbra na Época Moderna, a Universidade e a sua História*. Gabinete de Arqueologia, Arte e História. Departamento de Cultura. Câmara Municipal de Coimbra.
- Departamento de Cultura\_ Câmara Municipal de Coimbra. (Coord. GERVÁSIO, Ana; PEREIRA, Carmen; SANTOS, Raquel;) (2009b). *Levantamento de Património Edificado com Interesse Cultural, Concelho de Coimbra Câmara Municipal de Coimbra*. Coimbra. Bookpaper Design.
- DIAS, Pedro, (1981). *Evolução do Espaço Urbano de Coimbra*. Coimbra.
- DUARTE, Berta (2005). Coimbra, Cidade Muralhada. *Arquivo Coimbrão*, Boletim da Biblioteca Municipal. Volume XXXVIII. Câmara Municipal de Coimbra. Coimbra: 93- 108.
- DUARTE, Berta (2012). Um achado singular no centro histórico de Coimbra: relatório sucinto de uma intervenção. *Arquivo Coimbrão*, Boletim da Biblioteca Municipal. Volume XLII. Câmara Municipal de Coimbra. Coimbra: 49- 58.
- FILIPE, Sónia (2006). Arqueologia Urbana em Coimbra: Um Testemunho na Reitoria da Universidade. *Conimbriga*. XLV: 337-357.
- FILIPE, Sónia e TEIXEIRA, Ricardo (2013). Intervenção arqueológica no Largo do Castelo de Coimbra: vestígios da Torre de Menagem. Abordagem preliminar dos resultados. *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI e XVI)*. Vol. I. Fernandes, I. C. (Coord.). Edições Colibri/Campo Arqueológico de Mértola. In [file:///C:/Users/raquels/Downloads/A intervenção arqueológica no Largo do C.pdf](file:///C:/Users/raquels/Downloads/A%20intervencao%20arqueologica%20no%20Largo%20do%20C.pdf), acedida a 25.05.2020.
- GERVÁSIO, Ana e BANDEIRA, Rita (2005). *Acompanhamento Arqueológico da Obra Recuperação do Parque de Santa Cruz – Coimbra. Relatório Final*. Gabinete de Arqueologia, Arte e História. Câmara Municipal de Coimbra [policopiado].
- HENRIQUES, Júlio Augusto (1878). O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. Imprensa da Universidade. Coimbra.
- LARCHER, Jorge (1935). *Castelos de Portugal – Distrito de Coimbra*.
- LEITÃO, A. e SILVA, C. (int.) (1984). *A velha Alta... desaparecida*. Álbum de bodas de prata da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra. Livraria Almedina, Coimbra. Reimpressão de 1986.
- LOUREIRO, J. Pinto, (1964). *Toponímia de Coimbra*. Tomo II. Coimbra.
- MADEIRA, Sérgio (2012). *Trabalhos Arqueológicos Repavimentação do Bairro Sousa Pinto e Arranjos Envolventes. Coimbra. Relatório Final*. Câmara Municipal de Coimbra. [Policopiado]
- MANTAS, Vasco (1992). Notas Sobre a Estrutura Urbana de Aeminium. *Biblos*. Coimbra: Faculdade de Letras. 68. P. 487-513.
- MARGARIDO, Ana Paula (1987). A morfologia urbana da “Alta” de Coimbra – Ensaio sobre o traçado e sua evolução. *Cadernos de Geografia*. N.º 6. Instituto de Estudos Geográficos – FLUC. Coimbra: 43-69.
- OLIVEIRA, António (1982). “Estrutura Social de Coimbra no Século XVI”. *A Sociedade e a Cultura de Coimbra no Renascimento*. Coimbra. Epartur.
- PETIZ, Paula, (2002). Aeminium. A Ideia do Espaço na Cidade Romana. *Arquivo Coimbrão*, Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra. Vol XXXV.





- ROSMANINHO, Nuno (1996). *O princípio de uma revolução urbanística no estado novo*. Coord. e apresentação de Reis Torgal. Minerva Editora, Coimbra.
- ROSSA, Walter (2001) – *Diversidade urbanográfica do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*, Tese de Doutoramento apresentada ao departamento de Arquitetura da FCTUC. Coimbra. [Policopiado].
- SANTOS, Raquel e MOTA, Eduardo (2020). *Relatório Prévio - Instalação de 'Elevador Junto às Escadas Monumentais'*. Câmara Municipal de Coimbra. [Policopiado].
- VENTURA, Leontina (1979). A Muralha Coimbrã na Documentação Medieval. *Atas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*. Coimbra: 43-56.
- Vilas Boas, Rúben Neves da Silva, 2010 – A Rua Larga de Coimbra - Das origens à actualidade. Dissertação de Mestrado integrado em Arquitetura do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Dezembro 2010.

### SÍTIOS DA INTERNET

- <http://bloguecentelha.blogspot.com/2007/11/> (acedido em 2020).
- [http://www.uc.pt/jardimbotanico/O\\_Jardim\\_Botanico\\_da\\_UC](http://www.uc.pt/jardimbotanico/O_Jardim_Botanico_da_UC) (acedido em 2014).

### NOTA BIOGRÁFICA / CURRÍCULUM DO TÉCNICO DA ÁREA DE ARQUEOLOGIA

(de acordo com o n.º 1 do Art.º 5º do D.L. 140/2009, de 15 de junho)

Joana Gomes Miranda Garcia, licenciada em História, variante arqueologia pela FLUC, em outubro de 1998. Entre 1999 e 2005, trabalhou em várias autarquias e empresas de arqueologia com funções de arqueóloga. Desde 2005 trabalha no Município de Coimbra com a mesma função.

A Arqueóloga,



ANEXOS (de acordo com alínea h) do Art.º 15º do D.L. 140/2009, de 15 de junho)

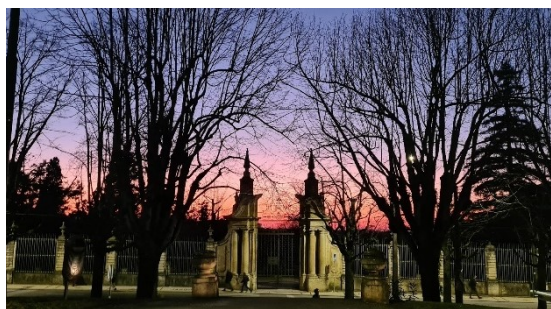
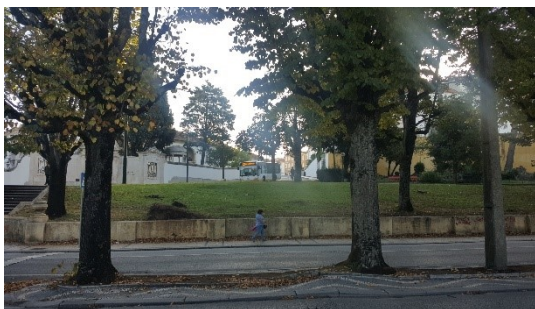
Envolvente urbana



Imagem aérea do livro “Coimbra Vista do Céu”



Alameda Júlio Henriques - Casa Museu Bissaya Barreto



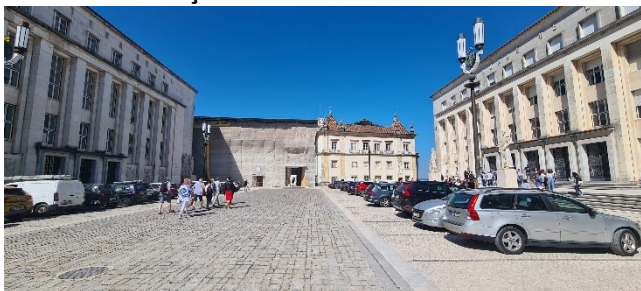
Alameda Júlio Henriques - Jardim Botânico UC







### Área de intervenção



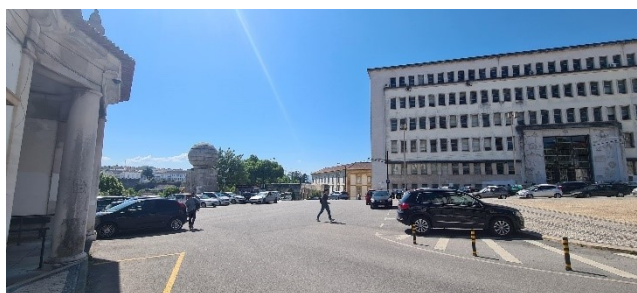
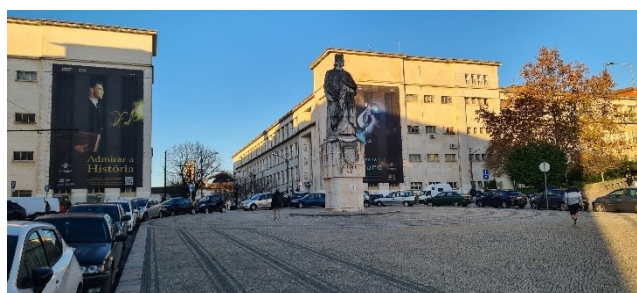
Largo da Porta Férrea



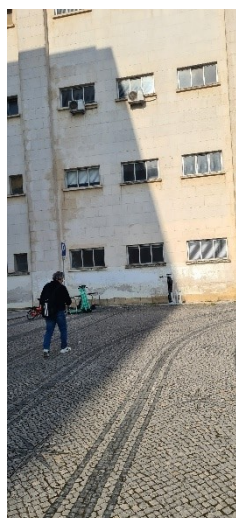
Rua Larga



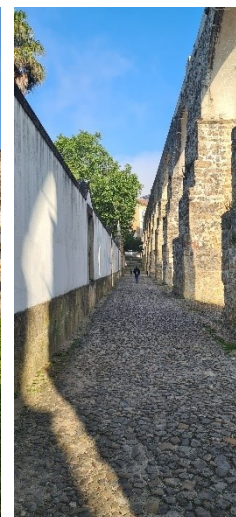
Praça Dom Dinis



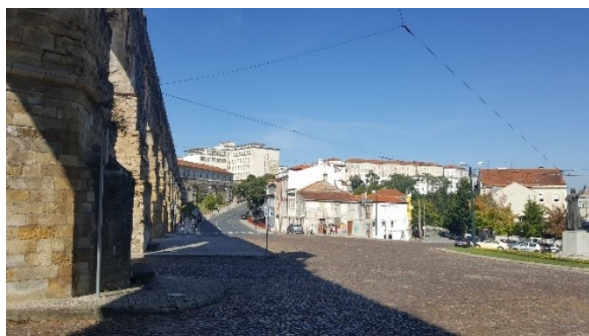




Praça Dom Dinis – Calçada Martins de Freitas



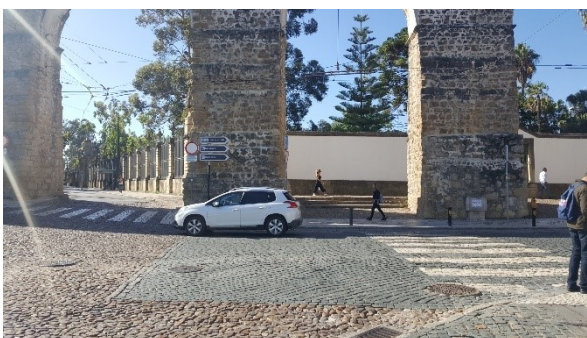
Calçada Martins de Freitas







Praça João Paulo II – Aqueduto de São Sebastião - Penitenciária







Praça João Paulo II – Penitenciária – Parque Santa Cruz



Rua de Tomar